

Maria, mãe de Jesus Cristo-homem

Maria, mãe de Jesus Cristo-homem, foi virgem até conceber Jesus, e após o nascimento de Jesus, ela passou a conviver maritalmente com José, com quem teve mais filhos.

Maria, mãe de Jesus Cristo-homem

“E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama o Cristo” (Mt 1:16)

Introdução

Teólogos da antiguidade, em defesa da deidade de Cristo, lançaram mão da profecia de Isaías, que anunciou o Cristo como o ‘Emanuel’, que quer dizer ‘Deus conosco’, e, por meio de uma lógica simplista, estabeleceram que Maria é a mãe de Deus, visto que o ‘Emanuel’ é Deus conosco.

Daí, a pergunta: Maria, esposa de José, é a mãe de Deus?

José e Maria

Da mesma forma que é imprescindível destacar que José não foi o pai biológico de Jesus, pois disto depende a essência do evangelho, também é imprescindível destacar que Maria foi mãe de Jesus Cristo-homem, e não a mãe de Deus.

José jamais poderia ser pai biológico de Jesus Cristo-homem, pois se fosse, Jesus seria como os demais descendentes de Adão: pecador e alienado de Deus. Não poderia ser mediador e nem interceder pelos pecadores, pois o que vincula o homem ao pecado é a semente corruptível de Adão, que foi apenado com morte, e essa morte (condenação) passou a todos os homens, por isso é dito que todos pecaram (Rm 5:12).

Por isso Jesus foi gerado de Deus no ventre de uma mulher virgem, pois o vínculo

de Cristo com a humanidade se dá por sangue, e não pela semente corruptível de Adão que todos os homens carregam.

Mãe de Deus?

Em primeiro lugar, se levarmos em conta a ideia que o termo 'Deus' faz referência: um ser onisciente, onipresente e onipotente, conclui-se que é impossível uma mulher descendente de Adão trazer a existência Deus, o Criador de todas as coisas. Se assim fosse a mulher não seria mulher, e o seu descendente não seria um homem e nem mesmo seria Deus.

Em segundo lugar, se faz necessário considerar que, ao ser introduzido no mundo dos homens, através da concepção virginal de Maria (Hb 1:6), o Jesus que nasceu em Belém da Judéia era única e exclusivamente homem (1Tm 2:5). Ao ser introduzido no mundo, o Verbo eterno despiu-se do seu poder e glória e, em tudo, tornou-se semelhante aos homens.

A promessa que Deus fez a Davi, seu servo, deixa claro que o Cristo seria tanto Filho de Davi, quanto Filho de Deus:

[“Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho”](#) (2Sm 15:12 -14; Hb 1:5).

Deus prometeu que um descendente da carne de Davi teria Deus por pai, como está escrito:

[“Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei”](#) (Sl 2:7; Hb 1:5);

[“... prostrai-vos diante dele todos os deuses”](#) (Sl 97:7; Hb 1:6).

O apóstolo Paulo ao falar de Jesus, fez a seguinte declaração:

[“Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus. O qual antes prometeu pelos seus profetas nas santas](#)

escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1:1-4).

À luz das Escrituras, resta que Maria foi a mãe biológica de Jesus Cristo-homem, e não, como afirma o dogma[1] Católico ‘theotokos’ de que Maria é a mãe de Deus.

Maria foi mãe de um homem, em tudo semelhante Adão, porém, como não foi gerado segundo a semente corruptível de Adão, mas pela palavra e ação sobrenatural do Espírito Santo, veio ao mundo livre de pecado, tornando-se assim o último Adão.

Dizer que Maria é mãe de Deus é ignorar questões essenciais ao evangelho de Cristo, que para ser sumo sacerdote e interceder pela humanidade, teve que ser semelhante aos homens em tudo, porém, sem pecado.

“Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Fl 2:7 -8);

“Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo” (Hb 2:17).

O evangelista João aponta para Cristo como o Verbo eterno, isto para demonstra que o homem que foi morto pelos seus concidadãos e ressuscitou, quando na eternidade, é o Deus Altíssimo. Na eternidade o Verbo é o Deus eterno, e nada possui da natureza humana, antes no princípio já existia e a tudo criou (Jo 1:1).

Pai e Filho

Quando falamos do Verbo eterno na eternidade, temos que tem em mente que na eternidade não existe e nem existiu a relação Pai e Filho entre as pessoas da divindade, pois na eternidade as pessoas da divindade são igualmente eternas, oniscientes, onipresentes e onipotentes. Essa relação somente existiu no mundo

dos homens, quando é dito 'hoje te gerei'.

“Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei”
(Sl 2:7).

Essa relação que se estabeleceu entre as pessoas da divindade só surgiu a partir do momento que o Cristo foi gerado no mundo dos homens:

“Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho” (2Sm 15:14).

O que sugere o verso acima? Que Deus não é o Pai do Verbo, e nem o Verbo é Filho de Deus, antes no mundo dos homens a relação Pai e Filho foi estabelecida segundo um acordo na eternidade: Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho.

Na eternidade não existe a relação Pai e Filho, por isso é dito no verso 1, do Salmo 110: “DISSE o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés”, e não: ‘Disse o Senhor ao Filho’, pois na eternidade inexistia tal relação entre as pessoas da divindade.

Atribuir a Maria a maternidade de Deus, é o mesmo que dizer que ela existiu antes de Deus, e que antes de tudo ser criado, Maria já existia. Ora, grande contrassenso, pois Maria é uma das filhas de Davi. Pior, segundo essa ótica, Maria seria pré-existente, e Deus veio a existir em função de Maria.

Ao despir-se do seu poder, o Verbo eterno foi introduzido no mundo na condição de homem, sem qualquer resquício do poder e glória que dispunha na eternidade. Ao ser introduzido no mundo, Jesus era plenamente e cem por cento (100%) homem, portanto, Maria foi mãe de Jesus Cristo-homem.

Agraciada

Elevar Maria, a mãe de Jesus a um patamar superior a das outras mulheres que existiram e existem no mundo, não foi o objetivo da saudação do anjo Gabriel.

“E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1:28).

O anjo Gabriel foi enviado por Deus à cidade de Nazaré, que fica na Galileia, a

uma virgem desposada com um homem da casa de Davi, de nome José, que se turbou, pois ficou sem entender que saudação era aquela (Lc 1:26 -27).

O anjo, após saudá-la, teve que explicar o que estava para acontecer:

“Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim” (Lc 1:30 -33)

Quando foi dito: salve agraciada, significa que Maria achou graça, ou seja, foi beneficiada sem mérito algum, isto em vista do propósito de Deus. O fato de Maria ter sido escolhida não tem um fundo meritório, mas a graça de Deus em levar a efeito o seu propósito eterno.

A questão que veio a cabeça de Maria é a mesma indagação que surgem em muitas pessoas que ouvem a história do nascimento do Jesus:

“E disse Maria ao anjo: Como se fará isto, visto que não conheço homem algum?” (Lc 1:34).

Fazer esse questionamento é plenamente compreensível e natural para o ser humano, que sabe que é impossível vir um descendente de homem ao mundo sem a semente de outro homem.

A resposta do anjo calou as indagações da virgem Maria:

“E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lc 1:35; Sl 139:13).

O anjo explicou que o Espírito Santo de Deus viria sobre ela, e o poder do Altíssimo haveria de abriga-la sob o seu mistério, de modo que o ente que haveria de nascer dela seria ‘Santo’, e chamado Filho de Deus.

Se houvesse alguma dúvida, que Maria considerasse o fato de Isabel, prima de Maria, havia concebido um filho na velhice sendo estéril, e já estava no sexto mês de grávidas, enfatizando à virgem Maria que para Deus nada é impossível (Lc 1:36 -37).

Emanuel, Deus conosco

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9:6).

O profeta Isaías ao falar de Jesus nesta profecia aponta para Cristo com um menino nascido na casa de Davi (Is 9:7), cujo nome seria: Maravilhoso, Conselheiro, [Deus Forte](#), Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.

O que dizer de Jesus Cristo-homem? Maravilhoso, pois tudo o que está relacionado a Ele transcende aos homens comuns. Dele disse Davi em espírito:

“Pois possuíste os meus rins; cobriste-me no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui feito, e entretecido nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe; e no teu livro todas estas coisas foram escritas; as quais em continuação foram formadas, quando nem ainda uma delas havia” (Sl 139:13 -16).

O mesmo cuidado que Deus teve com os ossos de Cristo quando o seu corpo foi posto na sepultura, foi o mesmo enquanto preparava um corpo para o Verbo eterno vir ao mundo (Sl 40:6; Hb 10:5).

Como os filhos de Israel eram faltos de conselho e não havia neles entendimento (Dt 32:28; Sl 53:3; Rm 10:2), Cristo é o Conselheiro do Senhor, pois sobre Ele repousou o espírito que dá descanso ao cansado (Is 11:2; Is 42:1 e 7; Is 61:1), pois através do seu conhecimento, o Servo do Senhor que teve as orelhas furadas, salva a muitos (Is 53:11).

“E repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do SENHOR” (IS 11:2)

Jesus é o ‘Deus forte’ porque cavalgou pela causa da justiça:

“Tu és mais formoso do que os filhos dos homens; a graça se derramou em teus lábios; por isso Deus te abençoou para sempre. Cinge a tua espada à

coxa, ó valente, com a tua glória e a tua majestade. E neste teu esplendor cavalga prosperamente, por causa da verdade, da mansidão e da justiça; e a tua destra te ensinará coisas terríveis. As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei, e por elas os povos caíram debaixo de ti. O teu trono, ó Deus, é eterno e perpétuo; o cetro do teu reino é um cetro de equidade. Tu amas a justiça e odeias a impiedade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros” (Sl 45:2 -7; Hb 1:8).

Jesus é o Pai da eternidade, pois dele disse Moisés:

“Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Salmos 90:2);

“O teu trono está firme desde então; tu és desde a eternidade” (Salmos 93:2).

Esses Salmos falam do Cristo em virtude da interpretação que o escritor aos Hebreus faz dos versos 25 à 27, do Salmo 102:

“Desde a antiguidade fundaste a terra, e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles se envelhecerão como um vestido; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Porém tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim” (Salmo 102:25 -27; Hb 1:10 -12).

Cristo é o príncipe da paz, pois derrubou a parede de separação, fazendo de dois povos um:

“Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio” (Efésios 2:14).

Como Sumo sacerdote é tal como Melquisedeque, sem principio e fim de dias:

“Onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hebreus 6:20).

Maria, mãe do Redentor

Maria, a mãe de Jesus, não é a mãe de Deus, e nem a Perpetua Virgindade, Mãe da Igreja, Medianeira, Corredentora, ou Rainha do Céu.

Justificar o uso da expressão Teótoco ou Mãe de Deus, citando Lucas 1, verso 43, onde a prima de Maria, Isabel a como a “*mãe do meu Senhor*”, ou Isaías 7, verso 14 e Mateus 1, verso 23, que contêm a profecia acerca de Cristo como o Emanuel, que significa ‘Deus Conosco’, é deturpar as Escrituras. Nestes textos o termo ‘Emanuel’ tem em vista o ente Santo que nasceria de uma virgem e seria nomeado o ‘Emanuel’, e não que a virgem seria mãe de Deus.

Maria foi virgem até conceber Jesus, e após o nascimento de Jesus, ela passou a conviver maritalmente com José, com quem teve mais filhos. Como Jesus teve mais irmãos, segue-se que Maria não permaneceu virgem, e não é justificável o titulo de Perpetua Virgem.

Nesse esteio, Maria também não é a mãe da Igreja, pois a Igreja não tem mãe. A Igreja é o corpo de Cristo, e os seus membros em particular, participantes do seu corpo. Assim como Eva foi tirada da costela de Adão enquanto dormia, a Igreja é formada do corpo de Cristo que foi morto e ressurgiu, o que entendemos por alegoria.

A Bíblia é clara: há só um mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo-homem, pois não há outro nome pelo qual os homens devam ser salvos (1Tm 2:5; Atos 4:12).

Temos que destacar que diversos Padres da Igreja nos três primeiros séculos defenderam Maria como a Teótoco, dentre eles: Orígenes (254), Dionísio (250), Atanásio (330), Gregório (370), João Crisóstomo (400) e Agostinho de Hipona (430).

Nestório, patriarca de Constantinopla, contrariamente defendeu no Terceiro Concílio Ecumênico realizado em Éfeso, em 431, que Maria devia ser chamada de Cristótoco (Christotokos), que significa “*Mãe de Cristo*”, apontando Maria como mãe apenas da natureza humana de Cristo e não da sua natureza divina.

Cirilo de Alexandria, contrariou Nestório, argumentando que tal posicionamento destruía a união perfeita e inseparável da natureza divina e humana em Jesus Cristo, alegando que, se Cristo, o Verbo que se fez carne é Deus, a carne é o Verbo, e como Maria foi mãe da carne de Cristo, conseqüentemente, é mãe do Verbo.

“Surpreende-me que há alguns que duvidam que a Virgem santa deve ser

chamada ou não de Teótoco. Pois, se Nosso Senhor Jesus Cristo é Deus, e a Virgem santa deu-o à luz, ela não se tornou a [Teótoco]?” Cirilo de Alexandria < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Te%C3%B3toco> > Consulta realizada em 24/12/2017.

Ora, sabe-se pela abordagem do apóstolo Pedro, que todos os cristãos são participantes da natureza divina, uma vez que foram gerados de novo de semente incorruptível, mas o fato de ter a natureza divina não torna homens deuses.

“Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo” (2 Pe 1:4).

Enquanto na eternidade, o Verbo eterno era Deus, e estava com Deus (João 1:1). Da natureza do Verbo eterno podemos dizer que era onipotente, onisciente e onipresente. Ao despir-se da sua glória, mesmo sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, antes se esvaziou a si mesmo tomando a forma de servo, fazendo-se igual aos homens.

Maria foi mãe d’Aquele que se esvaziou a si mesmo, ou seja, d’Aquele que se fez igual aos homens, que é diferente d’Aquele antes de ser introduzido no mundo na condição de Unigênito de Deus, e que é diferente d’Aquele que ressurgiu na condição de Primogênito dentre os mortos.

Maria não é mãe nem do Verbo, nem do Cristo ressurreto, pois Ele já não é conhecido deste modo:

“Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo” (2 Coríntios 5:16).

[1] *“Emanuel realmente é Deus, e a santa Virgem é, portanto, Mãe de Deus”* (John A. Hardon, S.J., The Catholic Catechism, 135).